

M 491
M 154
CM - Out. 52
FLU, julho 72
Ela/Ela
RN

O Primeiro Segrêdo

1232
Rubem Braga 13/7/69

A CARTA é escrita por uma pessoa que diz que «para adotar um nome qualquer eu me assinarei — Maria»; é tão ingênua quanto comovente. Ingênua porque inspirada na vaga esperança de que um desconhecido, só pelo fato de escrever em jornal e às vezes, sobre coisas de amor e suas tristezas, possa lhe dar algum conselho útil, ou pelo menos esclarecer suas dúvidas mortificantes. E comovente, porque é escrita de alma aberta, sem a menor preocupação de valorizar o próprio caso. «Sei que isso tem acontecido com muitas, que é perfeitamente banal, mas você, que é homem, talvez possa me dizer...»

Ele seu tom, que às vezes quase chega ao desespero, tem, em outras linhas, um sabor de quem faz ironia consigo mesma, sabendo, por experiência, que nem a inteligência nem a sensibilidade lhe adiantam de muita coisa — e que, afinal, é ridículo, ou pelo menos inútil, levar as coisas pelo lado patético.

A certa altura, ela me criva de perguntas, umas angustiosas, outras engraçadas, e conta minúcias assim: «Ele muitas vezes se referiu, sorrinho, ao fato de que eu não sei pregar um botão direito, e sempre acreditei que ele achasse engraçada essa minha falta de habilidade e também um certo desprezo que sempre tive por esta e outras «prendas domésticas»; agora eu sei que quando lhe estava para cair um botão do paletó, ele o arrancava e guardava no bolso para quando se encontrasse com uma certa amiga minha — a tal — que lhe dizia de um modo que ele não sabia se era carinhoso ou zombeteiro, que adorava pregar botões. E que, meio de brincadeira meio a sério (ela dizia que para não me comprometer, a mim que lhe estou escrevendo esta carta), propôs que eles guardassem entre si esse negócio de pregar botões como segrêdo; você desculpe eu estar lhe contando essas ninharias (que eu soube por pessoa a quem ele contou), mas acontece que, depois dessa brincadeira de «ter um segrêdo comum», eles começaram a ter mais um e mais outro, e no fim tiveram tantos que isso deixou de ser segrêdo para todo mundo... menos para mim, que ainda estive muito tempo bobeando».

Ele lá vem uma dessas perguntas infantis e angustiosas, que só as mulheres abandonadas fazem: «Será que é mesmo importante para um homem essa coisa de mulher saber pregar botões?»

* * *

Não, minha senhora, eu não responderei a esta pergunta; nem a tantas outras que me faz, mesmo porque algumas delas envolvem questões que a humanidade procura resolver desde o começo dos tempos.

Tudo o que a experiência me ensinou a aconselhar, em matéria de tristeza de amor, é apenas isto: «Paciência, que passa; e quando não passa, melhora».

O que é horrivelmente pouco, e triste, mas é, na verdade, honestamente, tudo o que posso dizer.